

# AFRICA

---

EXCLUSIVO  
SAMORA MACHEL  
e a África Austral

## Samora Machel: «Ian Smith será derrotado»

---



*O Presidente da República Popular de Moçambique afirma-nos que os planos ocidentais procuram consolidar os colonos no poder, criando um novo Estado fantoche no Zimbabwe. E afirma estar certo que a Conferência dos Países Não-Alinhados, a realizar em Cuba, constituirá um grande êxito para a América Latina.*

Neiva Moreira e Beatriz Bissio

**U**MA vez mais, o Presidente da República Popular de Moçambique e da FRELIMO concede uma entrevista aos *Cadernos do Terceiro Mundo*, que decorreu na sua residência em Maputo. Nella, Samora Machel revela a confiança com que encara a luta de libertação da África e do Terceiro Mundo. Durante a conversa que mantivemos, o Presidente Samora pronunciou-se, igualmente, sobre as suas preocupações imediatas na área internacional: a defesa da unidade dos países da Linha da Frente — que os inimigos pretendiam romper, — e a invasão da Tanzânia pelas tropas de Idi Amin. Parte esta que foi publicada na nossa edição anterior, tanto no México como em Lisboa. Oferecemos, pois, aos nossos leitores, a análise do Presidente Samora Machel sobre a evolução do combate contra o *apartheid*, o problema da luta de libertação do Zimbabwe e a próxima Conferência dos Países Não Alinhados, a realizar em La Habana, Cuba.

**Presidente, pensa que durante este ano a luta contra o apartheid e pela independência do Zimbabwe tem evoluído favoravelmente?**

As transformações nesta zona são profundas e qualitativas. Faz agora um ano, estavam vocês viajando por cá, acabavam de ser formuladas as propostas anglo-americanas que, segundo eles, trariam a paz a África.

**Andrew Young havia há bem pouco tempo passado por Moçambique...**

Sim, para ajudar a manter a paz, segundo dizia. Mas, nesse contexto, manter a paz significava apoiar Ian Smith. Em 1976 — no período de Kissinger, — quiseram aplicar a fórmula de “matar o pinto quando ainda estava no ovo”.

**O pinto já se lhes tornava insuportável**

Quiseram acabar com a luta armada ainda no seu início, antes que ganhasse ímpeto, antes que adquirisse carácter popular, carácter revolucionário. Mas não puderam. Não puderam, porque, não é possível conciliar os interesses capitalistas com os interesses populares. Não é possível. Quiseram aplicar aquilo a que chamam de paz, que se destinaria a manter a civilização ocidental, caracterizada pela passividade popular. Essa é a sua grande civilização.

E não o conseguiram, ainda que o tentassem fazer utilizando a pele negra, utilizando os fantoches. Mas acontece que os

fantoches são sempre denunciados pelo povo. Os fantoches não têm personalidade e, por isso, não podem assumir os interesses dos capitalistas. Não têm capacidade, porque carecem de personalidade. Seria necessário que tivessem um mínimo de dignidade para ser eficazes. De facto, eles não conseguiram impedir o desenvolvimento da luta armada no Zimbabwe.

Quando vocês me entrevistaram em 1977, a Frente Patriótica tinha nascido há precisamente um ano. A Conferência de Genebra de 1976 havia sido interrompida. Os ingleses haviam marcado a independência do Zimbabwe para 1978. E, efectivamente, o que sucedeu? Porque não se tornou efectiva a independência?

Porque os racistas na Rodésia vivem do passado. Querem fazer retroceder a História.

Algo assim como ocorreu no Brasil: rebelião dos colonos...

**...e enfiar assim a Coroa na cabeça, para impedir uma independência real.**

Sim, mas não se esqueça que isso foi há um século e meio. Ou seja: os colonos rodesianos vêem com cerca de 160 anos de atraso. Estamos em pleno século XX! São colonos que não se encontram desligados da metrópole, são, sim, os representantes dela. São fiéis a ela.

Mas estamos convencidos que a luta armada vai triunfar no Zimbabwe. As crises são necessárias. É das crises que saímos mais fortes. Quanto mais profunda é a crise, mais fortalecidos saímos. Dos assassinatos, das deserções, da traição, mais puros saímos. Essa é a nossa experiência. Os nossos inimigos infiltrados denunciavam-se a si próprios. O próprio processo se encarrega de os rejeitar. A Revolução, é como a corrente de um rio...

**...Transporta o bom e o mau.**

Sim, mas as impurezas vai as deixando nas margens. E a Revolução segue. Vai-se engrossando, atraindo novas forças, ideias novas. Por isso, no Zimbabwe, a Frente Patriótica vai vencer. Smith será derrotado. Apesar do apoio activo do imperialismo e da cumplicidade da Inglaterra, o Zimbabwe será independente.

---

## ENCONTRAR O HERDEIRO

---

**Pensa, então, que o plano anglo-americano não tem futuro...**

O plano anglo-americano está pintado

de várias cores. Muda sempre segundo a situação. Muda com ela. Às vezes toma a cor de negro para procurar identificar-se com os interesses dos negros. Mas, no fundo, não é tal. Outras vezes, aparece com a sua verdadeira cor, a dos norte-americanos e dos ingleses. Em determinados momentos, aparece totalmente como de Ian Smith, ou seja, uma proposta de colonos que se recusam a abandonar o poder. Por isso, é um plano que só formalmente procura um governo das maiorias. No fundo, e de facto, é uma procura da consolidação do poder dos colonos, mantendo as mesmas estruturas. Procuram, sim, encontrar o herdeiro dessas estruturas. Esse é o plano de 1976. Os ingleses e os americanos estão em busca de um representante, um homem capaz de assumir as estruturas coloniais capitalistas. As altas finanças do Zimbábue, os homens de negócios, os industriais, procuram encontrar alguém que fique com o poder administrativo e político para servir os seus interesses económicos.

Interesses económicos e poder político são duas caras da mesma moeda. Encontram-se, pois, à procura de um homem para administrar. Alguém que herde o poder político e que permita o desenvolvimento económico capitalista. Não seria o primeiro caso de um governo fantoche em África.

E na África do Sul, que balanço se pode tirar do ano que passou?

Todas estas manobras, esta ginástica, este exercício intelectual e mental, é, fundamentalmente, em defesa do *apartheid*. Trata-se, na perspectiva da África do Sul, de criar os tampões necessários para a defesa do *apartheid*. Mas tampões com pele negra, para não comprometer a pele branca. É-lhes necessário criar os tampões para conter a luta contra o *apartheid*, para defender o sistema.

E nesse contexto, teve algum êxito o trabalho das Nações Unidas e o esforço internacional para derrotar o *apartheid*? Que eficácia teve declarar 1978 "Ano da luta contra o *apartheid*"?

Os êxitos foram muitos; deram-se passos enormes. Pode-se realmente dizer que as nossas forças estão concentradas na luta contra o *apartheid*.

Esse sistema alcançou o mais alto grau de desumanização. Faz dos negros na África do Sul estrangeiros na sua própria terra. Os negros não têm pátria na África



«A luta armada vai triunfar no Zimbábue»

do Sul. Não têm terra. Como é que isso pode ser? Vinte milhões discriminados por quatro milhões e meio.

Creio que só no dia em que os meninos brancos da África do Sul se unirem aos meninos negros, só nesse dia, os meninos negros serão verdadeiramente meninos. Porque agora não são meninos. Os que morrem na África do Sul não são considerados meninos. Não morre ninguém na África do Sul, morrem "apenas" negros. Não morre gente na África do Sul, porque não são considerados gente.

Mas no dia em que este sistema do *apartheid* faça com que caiam dez meninos brancos, nesse dia, ir-se-á descobrir que as crianças negras também são crianças. E quando todas as crianças se juntarem, não haverá nenhum pai que dispare contra o seu sangue.

Parece uma análise simbólica... mas ela parece indicar que você, Presidente Samora Machel, tem esperanças de que a



«Somos fortes... Nós podemos dizer a nossa verdade em qualquer parte do mundo»

minoria branca algum dia tome consciência desse problema...

O Ministro do Interior da África do Sul é pai. O chefe da Polícia, o chefe da BOSS (serviços secretos), os chefes da prisão também são pais. Algum dia tomarão consciência de que o seu filho é como outra criança qualquer. Nesse dia, haverá liberdade na África do Sul. No dia em que se conjuguem esses esforços, no dia em que todos se misturarem, em que seja aceite que todos são seres humanos os que vivem na África do Sul, nesse dia, o *apartheid* cairá sem ser disparada nenhuma bala.

Mas, acha que a minoria dirigente da África do Sul pode algum dia tomar essa consciência?

Eles não são normais, são criminosos...

Então será questão de sensibilizar a nova geração, porque com esta parece muito pouco provável avançar no sentido que apontou. E neste contexto, qual tem sido o papel desempenhado pelos norte-americanos? Que é feito das suas propostas mediadoras de soluções reais?

Carter não provou ainda a sua fidelidade à política de Direitos Humanos. Em 1977, esteve plenamente de acordo conosco, os países da Linha da Frente, que defendem o poder de maioria no Zimbábue. O Presidente Carter esteve de acordo que o poder fosse transferido para a maioria de forma ordenada. Aceitava que a força principal num Zimbábue inde-

pendente fosse a que derivasse dos sectores combatentes. Esse é o princípio base: que as forças de Ian Smith sejam desmanteladas, porque são forças criminosas, de opressão.

Até agora não vi nada disso ser posto em prática. Falar é fácil...

---

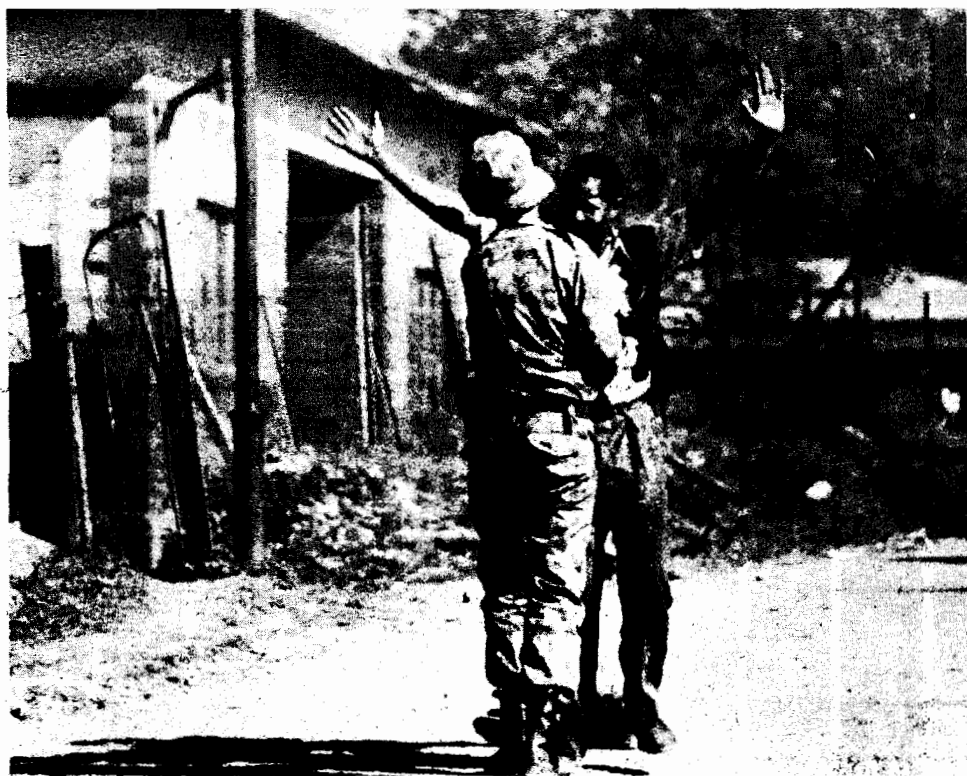
## OS NÃO ALINHADOS NA AMÉRICA LATINA

---

Bom, deixando o contexto africano para passar a outra temática, como muito bem sabe, foi já lançada a nível dos meios de comunicação, bem como no plano diplomático, uma campanha tendente a fazer fracassar a próxima Conferência do Movimento dos Países Não Alinhados, que terá lugar em La Habana. Que pensa desta campanha e como avalia a realização pela primeira vez na América Latina de uma conferência de chefes de Estados dos Não Alinhados?

Sabemos que a campanha começou a nível da OUA, Sabemo-lo e isso não nos surpreende. A tarefa do inimigo é essa. Neste caso é Cuba quem é atacada. Mas quanto mais Cuba é atacada, mais se fortalece. Quanto mais se fala de Cuba, mais ela é conhecida no Mundo. A propaganda sobre Cuba, fazem-na os imperialistas. Não é publicidade feita a partir de Cuba.

E quantos anos viveu Cuba sem essa notoriedade! Mas os norte-americanos en-



«O apartheid chegou ao mais alto grau de desumanização»

carregaram-se de lhe fazer propaganda. “Cuba é forte”, “Cuba é grande”, “Cuba é isto, Cuba é aquilo”. Hoje Cuba é capaz de tudo.

**De facto, os norte-americanos foram bons publicistas...**

Sem dúvida, uma boa propaganda essa a dos imperialistas. Cuba não teria esse dinheiro para se fazer conhecer assim no Mundo. Não tem muitos habitantes, nem é um país grande. Mas os imperialistas pensaram que Cuba tinha que ser conhecida em todo o Mundo. Toda a África já conhece os cubanos. E na Europa e na América Latina o mesmo se passa. Agora todo o mundo sabe que além dos Estados Unidos na América existe outra potência: Cuba.

Nós próprios não teríamos sido capazes de falar tanto sobre Cuba. Do seu internacionalismo, da capacidade dos cubanos do ponto de vista técnico, político, internacionalista; da sua capacidade de se entrosarem com outros povos, povos de todas as raças. E por isso, eu pessoalmente, tenho muito a agradecer aos imperialistas por todo este trabalho.

E depois, a Conferência dos Não Alinhados em Havana vai-se realizar. Nós vamos lá estar. Será uma grande vitória para a América Latina e todos participaremos dela.

Nós somos fortes por que a razão está do nosso lado. E somos fortes não só a nível dos nossos próprios países. Somos até fortes nos países deles. O que eles dizem a nosso respeito não o podem afirmar nos seus países. Mas o que nós dizemos deles, podemos-lo afirmar aqui, em Moçambique. Podemos dizer a nossa verdade em qualquer parte do Mundo. Eles não o podem, porque são mal vistos. Não podem dizer que apoiam o imperialismo. Não podem dizer que o socialismo é mau, porque nada fazem para melhorar o nível de vida dos seus povos. Nem podem dizer que são um instrumento do imperialismo. Não o podem dizer.

Esse é o motivo do seu medo a Cuba. Temem a liberdade que há em Cuba. A participação popular na solução de todos os problemas daquele país. Isso é, para eles, um mau exemplo.